

# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO JORNALISMO: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS

JEAN MICHEL GALINDO DA SILVA\*

MARIA IRENE DA FONSECA E SÁ\*\*

**Resumo:** *O estudo investiga os impactos da Inteligência Artificial (IA) na prática jornalística e na organização do conhecimento, considerando aspectos éticos, profissionais e organizacionais. A pesquisa analisou vinte documentos acadêmicos com o objetivo de identificar os efeitos da aplicação da IA no jornalismo e em ambientes organizacionais. Entre os resultados positivos, destacam-se a produção ágil de conteúdos, a interpretação automatizada de dados e a valorização do olhar humano para análises complexas. Os impactos negativos envolvem a baixa qualidade em textos sofisticados, o risco de desinformação e a percepção de ameaça às profissões da comunicação. A IA aparece como ferramenta estratégica na sistematização, categorização e recuperação de dados, embora sua aplicação demande cautela quanto a vieses algorítmicos e à representatividade de grupos sociais. Apesar de a IA otimizar processos e ampliar capacidades organizacionais, a supervisão ética e a participação humana permanecem indispensáveis para assegurar a credibilidade, a diversidade e a responsabilidade no ambiente informacional.*

**Palavras-chave:** *Inteligência Artificial; Jornalismo; Gestão do Conhecimento; Ética.*

**Abstract:** *The study investigates the impacts of Artificial Intelligence (AI) on journalistic practice and knowledge organization, considering ethical, professional, and organizational aspects. The research analyzed twenty academic documents with the aim of identifying the effects of the application of AI in journalism and in organizational environments. Among the positive results, the agile production of content, the automated interpretation of data, and the valorization of the human perspective for complex analyses stand out. The negative impacts involve the low quality of sophisticated texts, the risk of misinformation, and the perception of a threat to the communication professions. AI appears as a strategic tool in the systematization, categorization, and recovery of data, although its application requires caution regarding algorithmic biases and the representativeness of social groups. Although AI optimizes processes and expands organizational capabilities, ethical supervision and human participation remain indispensable to ensure credibility, diversity, and responsibility in the information environment.*

**Keywords:** *Artificial Intelligence; Journalism; Knowledge Management; Ethics.*

## INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas que a sociedade atualmente presencia trouxeram oportunidades de aplicação em múltiplas áreas com o uso da Inteligência Artificial (IA). O jornalismo, que fundamentalmente lida com informação e o ato de comunicar,

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: jmsilvaon@gmail.com.

\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: samariairene80@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7077-4664>.

atualmente consubstanciado com os avanços da Inteligência Artificial, tem se beneficiado do uso desta ferramenta no exercício do ofício. Como metodologia, o estudo realizou a análise de textos científicos que tratam da utilização da IA na prática jornalística, com o propósito de entender os impactos, sejam eles positivos ou não, com vistas ao entendimento inicial sobre o que pode estar acontecendo.

Os resultados foram compostos pelas observações destacadas acerca dos impactos causados pela IA no jornalismo, mantendo-se o cuidado de separá-los em impactos negativos ou positivos, para que posteriormente pudessem ser usados como início das discussões dos resultados, que compõem a segunda parte do estudo. Desta forma, o estudo elaborou discussões que buscaram ir além da mera classificação do que seria bom ou ruim, procurando compreender as implicações e as oportunidades, ao realizar a leitura de assuntos correlatos, com vistas a análises mais aprofundadas e conclusões mais abrangentes.

Acredita-se que o estudo apresenta contribuições relevantes para o campo do jornalismo, pois se aproxima de questões que lidam diretamente com a atuação do profissional da comunicação, que, além de informar a sociedade, também é moldado por múltiplas perspectivas que o circunscrevem como mediador da informação. «O jornalista é um importante ator no processo de produção de conteúdo que abastece os meios de comunicação, mantendo-se constantemente alerta durante a apuração dos fatos, com o intuito de atualizar as notícias que dissemina junto à sociedade» (Kunczik 2002).

Este estudo investiga como a Inteligência Artificial (IA) está sendo aplicada na prática jornalística, analisando textos científicos sobre seus efeitos positivos e negativos. O objetivo central foi elencar os impactos negativos e positivos causados pela utilização da IA no âmbito jornalístico, abordando ainda aspectos relacionados à Organização do Conhecimento e aos desafios contemporâneos enfrentados pelas organizações e profissionais da informação.

## 1. ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Um dos grandes pontos favoráveis ao considerar a adoção da IA como ferramenta será a possibilidade de manipular o conhecimento gerado nas empresas. Embora se acredite que o conhecimento, cuja interpretação seja ampla, seria mais bem captado por seres humanos, nada impede que sistemas controlados por computadores processem e extraiam sentido prático durante a execução de seus algoritmos. Esse será justamente um dos motivos pelos quais os humanos continuarão sendo necessários, mesmo quando ferramentas de IA «ocuparem» vagas anteriormente desempenhadas por pessoas, pois «parte do pressuposto de que as pessoas são importantes no processo de Gestão do Conhecimento e que, em última instância, o processo de gestão deve-se a elas» (Igarashi et al. 2008, p. 250). Tal fato também não significa que os

seres humanos serão dispensados de suas funções, mas que serão realocados para áreas e/ou setores cuja capacidade produtiva seja mais bem aproveitada.

Apesar dos benefícios relacionados aos resultados no âmbito profissional com a utilização da IA, não se pode negar outro fator: a cultura organizacional. As posições de trabalho ocupadas por pessoas sofrerão grande tensão, a ponto de elas se sentirem tentadas a resistir e a buscar proteger seus empregos. Essa resistência à mudança nas empresas tem a ver com o fato de que «a tecnologia pode executar tarefas complexas que anteriormente eram restritas a humanos, o que contribui para o avanço de muitas áreas do conhecimento, inclusive a gestão do conhecimento» (Estrela, Santos e Silva 2024, p. 136). O poder da tecnologia de gerar valor a partir da Gestão do Conhecimento (GC) e de fazer com que a empresa busque mais inovação em seus produtos e processos, por exemplo, não eliminará por completo as pessoas, mas é bastante provável que elas continuem sendo demandadas, pois haveria, aos poucos, um cenário sob intensa competição, cuja qualidade e tempo de resposta serão o grande diferencial que uma empresa poderá oferecer, assim, «a capacidade dessa tecnologia de impulsionar a eficiência e a qualidade das tomadas de decisão, tornando-a parceira estratégica para a GC» (Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento 2023).

Destaca-se que as empresas poderão se focar mais no potencial que as ferramentas de IA trarão, tratando-se da integração com sistemas ao entregar processos mais rápidos e inovadores, com vistas ao alinhamento da cultura organizacional — o jeito de se fazer as coisas na empresa —, considerando a IA como aliada, como ferramenta, o que inevitavelmente exigirá desse «novo» profissional um aperfeiçoamento que maximize o potencial da ferramenta em consonância com os objetivos organizacionais, ao invés de esse mesmo profissional buscar meios de evitar uma transformação inevitável.

## 2. TECNOLOGIA X TRABALHO

A IA tornou-se um tema constante nos mais variados âmbitos. Seja por praticidade ou por questões éticas, o assunto precisa ser abordado para que a sociedade entenda e assuma o seu papel crítico na aplicação ou no consumo de soluções de IA. Em um ensaio publicado no jornal *Nexo*, intitulado *A regulação da IA no ambiente de trabalho*, foram apresentados aspectos intrínsecos às ferramentas de IA, bem como outras observações mais abrangentes. O texto evidencia o potencial da ferramenta como aliada no ambiente profissional, pois eleva a agilidade dos processos. Além disso, apresentou questões éticas quanto ao uso de dados, que ainda carecem de discussão, mesmo com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.

Em um primeiro momento, poder-se-ia olhar para a aplicação da IA e vê-la como uma mera ferramenta, pois, assim como um editor de texto ou de imagens, a IA faria somente o que o ser humano demanda. Sendo assim, uma crucial pergunta surge: por

que os avanços da IA suscitam tanta discussão? Uma das respostas possíveis tem a ver com o deslocamento da atividade precípua de alguns profissionais, que, por meio da IA, passariam a delegar a execução total ou parcial de suas atividades laborais à IA. No entanto, como se trata de um não humano, será que isso seria ético? A resposta mais coerente seria dizer que não.

De modo geral, a tecnologia incrementou avanços na velocidade e qualidade do trabalho. De acordo com a MIT Technology Review (2024), «o setor de Recursos Humanos possui forte adesão a tecnologias na execução de suas tarefas, o que corresponde a quase 80% das empresas atendidas pela digitalização dos processos nesse segmento». Isso significa que os processos permeados pela tecnologia proporcionam produtividade, pois o investimento de tempo e recursos pode ser reduzido ao longo do tempo. Por exemplo, «a IA também pode automatizar tarefas de rotina, liberando a força de trabalho para se concentrar em seus clientes», segundo a MIT Technology Review (2023), com a possibilidade de manutenção e talvez até elevação da qualidade do trabalho. Portanto, o uso equilibrado da tecnologia pode provocar sinergia, pois garante aos profissionais a possibilidade de ampliação de sua capacidade de produção, mas sem retirar o aspecto humano, que dá sentido ao uso das ferramentas tecnológicas disponíveis no âmbito profissional.

### 3. IMPACTOS DA IA NO TRABALHO

Assim, no ambiente profissional, a IA está cada vez mais presente, servindo como auxílio a variadas tarefas. No entanto, é preciso que haja certos limites e transparência. Uma das discussões que advém desse fato é a necessidade de regulamentação acerca da aplicação da IA em atividades que tradicionalmente seriam executadas por um ser humano. Será preciso medir até que ponto isso é benéfico sem deixar de ser ético, pois, no final, se a IA entregar um serviço que seja melhor que o de um ser humano, onde estaria o risco ou a falta de ética?

Estabelecer consensos talvez seja um dos melhores caminhos. De acordo com o jornal *Nexo* (2023), «negar os riscos do uso de inteligência artificial no ambiente de trabalho parece-nos tão equivocado quanto abdicar dos seus benefícios, com entregas mais ágeis, completas e precisas aos clientes». O que se torna absolutamente pacífico é que há dois impactos: primeiro, os riscos ao usar a IA como ferramenta e o nível de «autonomia» da IA no atendimento das demandas e o segundo diz respeito aos benefícios oriundos da IA, como citado anteriormente.

De todo modo, a matéria do jornal *Nexo* acrescenta que, ainda que sejam definidos os pressupostos acerca dos limites de aplicação da IA, serão necessários o acompanhamento e o monitoramento constantes para que se mantenha o uso alinhado com as políticas definidas dentro de cada organização. Por fim, acredita-se que a Inteligência Artificial irá transformar a sociedade de forma

irreversível, em um caminho sem volta, onde permanecerão presentes as formas tradicionais, com pessoas e suas limitações, no melhor sentido. O grande impacto/transformação será a divisão entre produtos e serviços em que a IA dificilmente será superior ao ser humano, pois a humanidade é e sempre será uma questão preciosa e imprescindível.

Os algoritmos existem para resolver ou facilitar tarefas que a sociedade demanda e estão presentes durante a utilização de diversas aplicações do cotidiano. Sem esses algoritmos, perderíamos uma espécie de guia sobre o «oceano» em que a internet se tornou. Além disso, os algoritmos podem, em conjunto com os dados organizados, processar todo tipo de necessidade para obter respostas que representam de forma fidedigna o próprio subsídio que os torna fortemente poderosos: os próprios dados.

Contudo, aquilo que o faz capaz (o algoritmo) de obter respostas para as mais diversas perguntas também circunscreve seu modelo, porque o algoritmo é uma «receita», um modo de resolver algo. A partir de sua utilização, estabelece-se o que vem depois do algoritmo, que é o modelo. Por exemplo, em uma matéria realizada pela Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica – Abramed, «com relação ao câncer de próstata, sabe-se que afrodescendentes têm, em geral, tumores mais agressivos, por isso, qualquer modelo de inteligência artificial deve contemplar esse grupo de pessoas para que seja completo» (Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica [2023?]). Desta forma, o modelo passará, portanto, a representar estatisticamente aquilo que os dados foram capazes de fornecer como realidade. As pessoas sub-representadas, assim como a sociedade em geral, deveriam estar cientes de como essas ferramentas são construídas, reivindicar mais transparência no processo de desenvolvimento e criticar sempre que entenderem que a ferramenta não atende às suas demandas.

Quando uma organização dispõe de um modelo a partir de um algoritmo, seria como se uma pessoa tivesse sido formada em alguma área específica do conhecimento. O problema que decorre desse aprendizado é que a programação do próprio algoritmo e os dados que o abasteceram estão imersos em preconceitos e vieses que deixam à margem grupos tradicionalmente classificados como oprimidos. De acordo com Rossetti e Angeluci (2021, p. 3), «questões éticas implicam em cuidados políticos, sociais e de governança dos algoritmos, que devem ser tratados efetivamente em by design, isto é, no cerne da própria criação dos algoritmos, para que princípios éticos já estejam presentes desde a concepção destes». Outra solução possível, ou um jeito de começar a resolver essa ausência de representatividade, será incutir, deliberadamente, no algoritmo e no tratamento dos dados que o abastecerão, a representação da sociedade como ela é, plural e diversa, buscando o tratamento isonômico ao isolar comportamentos que estão aquém de uma convivência mais justa e ética.

#### 4. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi quanti-qualitativa: quantitativa pela contagem objetiva de ocorrência dos aspectos elencados e qualitativa pela interpretação a partir dos textos, com o intuito de alocar corretamente os impactos como positivos ou negativos. Para composição do *corpus*, foram coletados 20 documentos por meio de buscas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os termos «Jornalismo» e «Inteligência Artificial». A análise de conteúdo permitiu identificar as principais tendências, sendo que os resultados foram discutidos a fim de aprofundar as implicações e oportunidades associadas ao uso da IA.

A segunda parte da pesquisa consistiu em aprofundar o entendimento acerca da IA como ferramenta para Gestão do Conhecimento. Buscou-se inferir os efeitos sobre a aplicação da ferramenta, no caso os resultados práticos, bem como os efeitos colaterais causados pela utilização indiscriminada da IA em variados contextos.

#### 5. RESULTADOS

Entre os principais resultados positivos destacam-se: produção rápida (32%), interpretação de dados (29%) e a valorização da qualidade humana no jornalismo (27%). A produção acelerada de conteúdo está diretamente relacionada com a capacidade de processar dados, embora a IA ainda dependa da criatividade humana para elaboração de textos. A qualidade conferida ao olhar humano permanece insuperável, sobretudo em análises subjetivas, verificação de informações e interpretação contextual dos fatos. Os impactos negativos mais evidentes foram a baixa qualidade em textos complexos (23%), desinformação (14%) e a percepção de possível extinção da profissão de jornalista (14%). A desinformação, ligada à ausência de checagem e à automação acrítica, acende um alerta sobre a responsabilidade ética no uso dessas tecnologias.

No que tange à organização do conhecimento, destaca-se que a IA poderá manipular dados e extrair sentidos práticos com agilidade, sendo uma aliada estratégica na gestão da informação. No entanto, reafirma-se que os seres humanos continuarão sendo parte indispensável desse processo, pois «o processo de gestão deve-se a eles» (Igarashi et al. 2008). A discussão revelou também que a democratização do uso da IA, como no caso do ChatGPT, impõe novos desafios éticos, educacionais e regulatórios. A IA pode simular linguagem e emitir respostas bem estruturadas, mas não possui consciência, crenças ou historicidade, aspectos centrais para a atuação jornalística autêntica e humana. Além disso, fenômenos como a desinformação algorítmica e as bolhas informacionais, vinculadas ao capitalismo de vigilância, requerem atenção, uma vez que restringem o acesso à diversidade de conteúdos e reforçam visões polarizadas. A credibilidade jornalística, portanto, passa a depender não apenas da

apuração humana, mas também de como se regula e se compreende o uso ético da IA no ambiente informacional.

A integração da IA na organização e gestão do conhecimento vem transformando significativamente as práticas organizacionais e arquivísticas. No âmbito da organização do conhecimento, Santos e Rodriguez (2025) destacam que «as tecnologias de IA, por meio de técnicas de aprendizado de máquina e processamento de linguagem natural, ampliam a capacidade de estruturar, classificar e recuperar informações de maneira automatizada e eficiente, favorecendo o uso de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC)». Esses sistemas, historicamente voltados à categorização e indexação documental, agora se beneficiam da IA para promover classificações dinâmicas e a extração automatizada de descritores, o que potencializa a sistematização do conhecimento em ambientes digitais.

Na perspectiva corporativa, Igarashi et al. (2008) ressaltam a importância das pessoas no processo de Gestão do Conhecimento, mesmo com o avanço das tecnologias inteligentes. O estudo aponta que a IA deve ser compreendida como ferramenta de apoio, capaz de habilitar capacidades organizacionais internas, otimizando processos de aquisição, armazenamento e disseminação do conhecimento. Assim, mesmo com a automação de tarefas rotineiras, o papel humano permanece indispensável para interpretar contextos e tomar decisões estratégicas, evidenciando a complementaridade entre inteligência humana e artificial.

Quanto ao eixo tecnologia x trabalho, ambos os estudos convergem ao evidenciar os impactos da IA na dinâmica laboral. Santos e Rodriguez (2025) observam que a automatização promovida pela IA não apenas agiliza o processamento e a recuperação de dados, mas também desafia os profissionais a adaptarem suas competências, sobretudo em Arquivologia. Já Igarashi et al. (2008), relatam que «técnicas como mineração de dados, redes neurais e sistemas especialistas têm sido aplicadas com êxito para capturar e reutilizar conhecimento organizacional, o que implica a redefinição de funções laborais e o surgimento de novos perfis profissionais».

Por fim, sobre os impactos da IA no trabalho, os artigos são unânicos ao afirmar que o avanço dessas tecnologias exige regulamentação e diretrizes éticas claras. Santos e Rodriguez (2025) alertam para «os riscos de viés algorítmico e exclusão de grupos sub-representados, recomendando práticas de transparência e inclusão no desenvolvimento de modelos de IA». De forma complementar, Igarashi et al. (2008) enfatizam que, «embora a IA promova ganhos em eficiência e qualidade, sua aplicação deve preservar a memória organizacional e assegurar que o conhecimento gerado seja acessível e representativo para toda a estrutura social da organização».



## CONCLUSÕES

Conclui-se que os avanços provocados pela IA já transformam de forma irreversível as práticas jornalísticas e organizacionais. A tecnologia oferece oportunidades de otimização, mas não substitui a essência do jornalismo, pautada na busca pela verdade, qualidade e ética. O conceito de «jornalismo automatizado» desponta como uma nova forma de produção, ainda em consolidação. A regulamentação em curso, como o Projeto de Lei n.º 2338/23, aparece como tentativa de balizar essa transformação, garantindo a participação e supervisão humana efetiva no ciclo da IA. Enfatiza-se a importância da formação crítica desde os processos educacionais, pois «uma sociedade que utiliza recursos tecnológicos, sem antes desenvolver o pensamento crítico, poderá criar polarizações que produzem visões radicais acerca de temas absolutamente pacíficos» (Paletta e Pelissaro 2016; Kaufman e Santaella 2020; Assis 2023).

O presente estudo também evidenciou que a incorporação da IA nos ambientes jornalístico e organizacional provoca uma série de transformações estruturais, metodológicas e éticas que não podem mais ser negligenciadas. Ao longo da pesquisa, constatou-se que a IA, longe de representar apenas uma ferramenta adicional, configura-se como um agente capaz de redefinir processos produtivos, dinâmicas de trabalho e estratégias de gestão do conhecimento. No campo jornalístico, as aplicações de IA têm potencializado a produção e a disseminação de informações, otimizando tarefas repetitivas, ampliando o volume de conteúdos gerados e promovendo a análise em tempo real de dados massivos. No entanto, essas inovações também trouxeram consigo dilemas éticos e desafios relacionados à preservação da autenticidade, credibilidade e responsabilidade social da informação.

A discussão sobre a Organização do Conhecimento demonstrou que a IA, ao automatizar processos de categorização, indexação e extração de informações, contribui para a sistematização e a gestão de grandes volumes de dados em ambientes digitais. Tecnologias baseadas em aprendizado de máquina e processamento de linguagem natural ampliam a capacidade de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), permitindo classificações dinâmicas e personalizadas, como afirmaram Santos e Rodriguez (2025). Por outro lado, reiterou-se que, mesmo diante da automação crescente, o elemento humano permanece indispensável na gestão e no controle ético das informações produzidas e organizadas, corroborando a perspectiva de Igarashi et al. (2008) ao defender que os processos de gestão do conhecimento devem se ancorar, essencialmente, nas pessoas.

Outro ponto sensível evidenciado pela pesquisa diz respeito aos vieses algorítmicos e à sub-representação de determinados grupos sociais no desenvolvimento e aplicação de modelos de IA. Como destacaram Rossetti e Angeluci (2021), os sistemas



de inteligência artificial são modelados a partir de dados historicamente marcados por preconceitos e desigualdades, o que tende a reproduzir e até ampliar assimetrias sociais. A matéria divulgada pela Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica (2023), ao discutir a sub-representação de afrodescendentes nos modelos de diagnóstico de câncer, ilustra como a ausência de diversidade no treinamento de algoritmos pode gerar riscos concretos à integridade de grupos vulnerabilizados.

Por fim, as evidências obtidas permitem afirmar que a integração entre inteligência artificial e gestão do conhecimento tende a se consolidar como eixo estratégico nas organizações contemporâneas. Os benefícios advindos dessa sinergia são inquestionáveis, a exemplo da otimização de processos, da redução de custos operacionais e do aumento da capacidade analítica. No entanto, essa incorporação precisa ocorrer de maneira gradual, ética e acompanhada de políticas de proteção ao trabalho humano, visando assegurar que a tecnologia atue como ferramenta de emancipação e não como instrumento de precarização das relações de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, F., 2023. Inteligência artificial e jornalismo opinativo: problematizando em diálogo com o ChatGPT. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. **20**(2), 63-75. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2023.95413>.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MEDICINA DIAGNÓSTICA, [2023?]. *Desenvolvimento da inteligência artificial na saúde esbarra em questões éticas e integração de dados* [Em linha]. Abramed [consult. 2025-06-27]. Disponível em: <https://abramed.org.br/5512/desenvolvimento-da-inteligencia-artificial-na-saude-esbarra-em-questoes-eticas-e-integracao-de-dados>.
- BRASIL. Congresso Nacional, 2023. *Projeto de Lei n.º 2338 de 2023* [Em linha] [consult. 2025-06-27]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/projetos-de-lei/2338/2023>.
- ESTRELA, T. D. C., L. V. SANTOS, e W. J. SILVA, 2024. Inteligência artificial aplicada à gestão do conhecimento empresarial: Revisão sistemática da literatura. *Revista GeTeC*. **20**,127-143.
- IGARASHI, W., et al., 2008. Aplicações de inteligência artificial para gestão do conhecimento nas organizações: Um estudo exploratório. *Revista Capital Científico-Eletrônica* (RCCe). **6**(1), 239-256.
- KAUFMAN, D., e L. SANTAELLA, 2020. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. *Revista FAMECOS*. **27**(1), e34074. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>.
- KUNCZIK, M., 2002. *Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de comunicação*. 2.ª ed. Trad. R. VARELA JUNIOR. São Paulo: EdUSP.
- MIT TECHNOLOGY REVIEW, 2024. A tecnologia como facilitador da gestão de pessoas baseada em evidências. *MIT Technology Review Brasil* [Em linha] [consult. 2025-06-27]. Disponível: <https://mittechreview.com.br/a-tecnologia-como-facilitador-da-gestao-de-pessoas-baseada-em-evidencias>.
- MIT TECHNOLOGY REVIEW, 2023. Inteligência artificial: benefícios para empresas de todos os setores. *MIT Technology Review Brasil* [Em linha] [consult. 2025-06-27]. Disponível: <https://mittechreview.com.br/inteligencia-artificial-beneficios-para-empresas-de-todos-os-setores>.
- NEXO JORNAL, 2023. A regulação da IA no ambiente de trabalho. *Nexo Jornal* [Em linha] [consult. 2025-06-27]. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2023/12/10/a-regulacao-da-ia-no-ambiente-de-trabalho>.
- PALETTA, F. C., e B. PELISSARO, 2016. Informação, ciência e tecnologia na sociedade da informação no contexto da Web 3.0: Uma análise a partir de três questões. *Revista Conhecimento em Ação*. **1**(1), 18-28.

- ROSSETTI, R., e A. ANGELUCI, 2021. Ética algorítmica: questões e desafios éticos do avanço tecnológico da sociedade da informação. *Galáxia*. (46), e50301. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202150301>.
- SANTOS, J. V., e S. M. T. RODRIGUEZ, 2025. Organização do Conhecimento e Inteligência Artificial: possíveis contribuições para a Arquivologia. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*. Série 3 (n.º especial VII WPGCI), 229-249.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE GESTÃO DO CONHECIMENTO, 2023. Explorando possibilidades: Reflexões sobre inteligência artificial na gestão do conhecimento [Em linha] [consult. 2025-06-27]. Disponível em: <https://sbgc.org.br/explorando-possibilidades-reflexoes-sobre-inteligencia-artificial-na-gestao-do-conhecimento>.